

**Eduardo Pais Barroso**  
**Maio '86**

Num momento que se revela de grande animação e versatilidade, nas artes plásticas portuguesas entregues à imaginação e à determinação dos mais jovens artistas, reveste-se de particular o aparecimento deste novo escultor.

A dupla satisfação com que registo este aparecimento deve-se, por um lado, à capacidade com que Paulo Neves progressivamente tem resolvido os problemas que os materiais por si escolhidos lhe colocam; por outro, à evidente maturidade de uma escultora por isso mesmo dotada de uma linguagem responsável, onde se pressentem atraentes caminhos individuais. Os exactos termos em que estas afirmações são proferidas exigem que se considere, em traços gerais, o recente panorama da escultura portuguesa.

Dois artistas que pessoalmente prefiro, e que têm sido capazes de contribuir para a renovação do panorama da escultura portuguesa actual (até há pouco tempo algo monótono, mesmo por rasgos de inteligência: João Cutileiro e Zulmiro de Carvalho) creio que não será difícil de incluir o nome de Paulo Neves...

... Grandes e intempestivas, estas esculturas definem-se por uma estratégia de ocupação do espaço.

Anti-monumentos de evidente naturalidade antropológica, elas dão sentido e remotas imagens, revividas e exaltadas.

É a memória de um carnaval cujas transgressões se perdem na austeridade medieval, em flagrante contraste com esta re-descoberta, convite a uma fuga, certeza de que os caminhos da imaginação são os mais felizes...

... Sem quaisquer dúvidas acerca da contemporaneidade desta proposta, aceite-se um passeio — labiríntico e contemplativo — por entre este bosque a um tempo desconhecido e familiar.

Ele emerge de um sonho com uma grande satisfação lúdica, tal movimento transporta-o para uma paisagem mais ampla; do que esta forçosamente limitada que é a de uma galeria. Outras magias se virão juntar a esta magia aqui presente.